

## **SOBRE ANTONIO CONSELHEIRO**

### **Compilação de José Calasans**

#### OPINIÕES DE ESTUDIOSOS

1893 – “Há cerca de 16 anos em que vegetou pelos do Norte rezando nas igrejas e fazendo prédicas, que são assistidas pelas populações das localidades em que se acha, onde sempre procura prestar algum serviço nas edificações ou reedificações de templos e cemitérios” (Durval Vieira de Aguiar).

1897 – “Alguma coisa mais do que a simples loucura de um homem era necessária para este resultado e essa alguma coisa é a psicologia do meio em que a loucura do Antonio Conselheiro achou combustível para atear o incêndio de uma verdadeira epidemia vesânica” (Nina Rodrigues).

1897 – “O chefe Antonio Conselheiro, de cuja capacidade moral e intelectual faço lisonjeiro conceito...” (Siqueira Menezes).

1897 – “Ao encontrá-lo assim a última vez que o avistei em 1881 (*sic*), o seu prestígio era estupendo. Sentia que lidava com um profeta com um dominador de multidões. O seu olhar já não tinha a mesma abstração antiga. O hábito do comando tinha temperado o misticismo (Genes Martins Fontes).

1902 – “Satisfez-se sempre com este papel de delegado dos céus. Não foi além” (Euclides da Cunha).

1954 – “O sertanejo não podia compreender os motivos por que era guerreado o Conselheiro. Durante anos vivera sob sua direção e só conhecera a prática do bem” (Abelardo Montenegro).

1968 – “Se considerarmos a época de suas realizações, as dificuldades sem conto para as tarefas empreendidas, justo é considerar os méritos de sua ação obreira,

sem competidor na segunda metade do século XIX, senão mesmo em todo evolover da vida sertaneja” (José Calasans).

1978 – “Percebe-se que ele (Conselheiro) realmente congregou os camponeses pobres; em certo momento deu expansão ao seu desencantamento e a sua revolta” (Rui Facó).

1978 – “Homem excepcional, sim, embora extremamente simples. Amante do seu povo, para cujo serviço sofreu muito e para cujo bem e progresso foi chefe e condutor” (Ataliba Nogueira).

1978 – “Pode-se dizer que Antonio Conselheiro era um socialista utópico, que tentou organizar uma comunidade igualitária” (Edmundo Moniz).

1981 – “O homem era alto e tão magro que parecia sempre de perfil. Sua pele escura, seus ossos proeminentes e seus olhos ardiam com fogo perpétuo. Calçava sandálias de pastor e a túnica de azulão que lhe caía sobre o corpo lembrava o hábito desses missionários que, de quando em quando, visitavam os povoados do sertão batizando multidões de crianças e casando amancebados” (Mario Vargas Llosa).

1990 – “Para as populações do litoral ele foi um louco, fanático religioso, um criminoso e bandido. Mas, para os sertanejos, ele foi um santo, o Bom Jesus ou o Santo Antonio, que sabia fazer milagres e curas, foi um Padrinho generoso e um penitente austero, modelo de vida” (Alexandre H. Otten).

Quadra Popular:

“Quem quiser remédio santo

Lenitivo para tudo

Procure o Conselheiro

Que ele está lá em Canudos”

**Primeira fase – formação  
(1830-1873)**

*Texto da certidão de batismo de Antonio Conselheiro:*

“Aos vinte e dois de maio de mil oitocentos e trinta batizei e pus os Santos óleos nesta Matriz de Quixeramobim ao párvulo Antonio pardo nascido aos treze de março do mesmo ano supra, filho natural de Maria Joaquina: foram padrinhos, Gonçalo Nunes Leitão, e Maria Francisca de Paula.

Do que, para constar, fiz este termo, em que me assinei. O Vigário, Domingos Álvaro Vieira” (Ismael Pordeus - historiador cearense).

*Texto da certidão in articulo mortis do casamento dos pais do Conselheiro:*

“Aos trinta e hum de Agosto de mil oitocentos e trinta e quatro, pelas cinco horas da tarde em casa de morada do contrahente Vicente Mendes Maciel, omitidas as diligencias do costume por ser o casamento feito - *in articulo mortis* - assisti ao recebimento dos Contrahentes Vicente Mendes Maciel, filho natural de Maria Manoela do Sacramento, já falecida, com Maria Joaquina de Jesus, filha natural de Feliciano Maria Francisca, em presença das testemunhas José Antonio de Barros e José Raimundo Façanha, casados: os nubentes naturais, e moradores desta Freguezia de Santo Antonio de Quixeramobim e logo receberão as Benções Nupciais: do que para contar fiz este assento que assino. O Vigário Fructuoso Dias Ribeiro” (Ismael Pordeus).

*Texto da certidão do 2º casamento de Vicente Mendes Maciel. pai do Conselheiro:*

“Aos doze dias de Fevereiro de mil oitocentos e trinta e seis, pelas oito horas da noite na Matriz desta Freguesia, ometidas as Denúncias do estilo, de licença minha o Reverendo Fructuoso Dias Ribeiro casou e deu as Bênçãos Nupciais a Vicente Mendes Maciel, viúvo por falecimento de sua mulher Maria Joaquina de Jesus, com Francisca Maria da Conceição, filha legítima de Innocencio Alves Freire e Joana Maria Conceição, já falecidos; forão testemunhas Francisco das Chagas Pinto e José de Souza Nogueira, casado; todos moradores nesta Freguezia, do que para constar, do assento que me foi remetido, fiz o presente termo que asino. O Vigário Pinto de Mendonça” (Ismael Pordeus).

*Texto da certidão de casamento do Conselheiro:*

“Aos sete dias do mês de janeiro de 1857, nesta matriz de Quixeramobim, pelas oito horas da noite, depois de preenchidas as formalidades de direito, assisti a receberemse em matrimônio e dei as bênçãos nupciais aos meus paroquianos Antonio Vicente Mendes Maciel e Brasilina Laurentina de Lima, naturais e moradores nesta freguezia de Quixeramobim, esta filha natural de Francisca Pereira de Lima e aquêlê filho legítimo de Vicente Mendes Maciel e de Maria Joaquina do Nascimento, ambos já falecidos, sendo dispensados do impedimento do terceiro grau atinente ao segundo, de consanguinidade lateral desigual; foram testemunhas José Raimundo Façanha e Pedro José de Matos; do que para constar mandei fazer este assento que assino. O Vigário interino José Jacinto Bezerra” (Gustavo Barroso, “À Margem da História do Ceará”).

*O professor de latim de Antonio Conselheiro:*

O Conselheiro estudou latim em Quixeramobim com o professor Manoel Antonio Ferreira Nobre, segundo informação de José Victor Ferreira Nobre, neto do referido mestre.

### *Beato e Conselheiro:*

“Honório Vilanova, comerciante em Canudos, disse-nos que conhecera, por volta de 1873, no Ceará, o beato Antonio, que iria encontrar, depois, na Bahia, como conselheiro. Explicou que o conselheiro era mais do que beato. Ao beato cabia a missão de tirar rezas, cantar ladainhas, pedir esmolas para obras da igreja. O Conselheiro ia além, porque, melhor preparado sobre os temas religiosos, pregava, dava conselhos. Um conselheiro pode ter, debaixo de suas ordens, um ou vários beatos. Foi o caso de Antonio Conselheiro ao qual estavam subordinados alguns beatos, como a beato Paulo, José Beatinho, Antonio Beatinho, além de outros que não nos foi possível identificar” (José Calasans).

### **Segunda fase – peregrinação (1873-1893)**

#### *Primeira Notícia publicada em jornal sobre Antonio Conselheiro:*

“A bons seis meses que por lodo o centro desta e da Província da Bahia chegado; (diz elle,) da do Ceará infesta um aventureiro santarrão que se apelida por Antonio dos Mares: o que avista dos apparentes e mentirosos milagres que disem ter elle feito tem dado lugar a que o povo o trate por S. Antonio dos Mares” (O Rabudo – Estância, 22 de novembro de 1874).

#### *Apelidos:*

Santo Antonio dos Mares

Santo Antonio Aparecido

*Antonio Conselheiro*

Santo Conselheiro

Bom Jesus Conselheiro

Bom Jesus

“No Ceará declarou que tinha uma promessa a cumprir e pretendia construir 25 igrejas” (Honório Vilanova).

Edificou, realmente em vários pontos da Bahia e de Sergipe, capelas e levantou muros de cemitérios. Duas das referidas capelas mantêm a estrutura primitiva: a capela do Senhor do Bonfim em Chorrochó (1885) e a capela do Bom Jesus de Crisópolis (1892).

## **PRÉDICAS**

Sobre a cruz:

“O homem deve carregar sua cruz debaixo de qualquer forma que se apresente, deve penetrar-se assim de júbilo, sabendo que em virtude dela vai ao céu”.

Sobre a missa:

“Se bem soubera um cristão o que lucra em assistir e ouvir a missa todos os dias, deixaria os maiores negócios deste mundo para não faltar a tão grande bem espiritual”.

Sobre a confissão:

“Não há cousa mais útil ao cristão nem indispensável para comungar dignamente do que descer à sua consciência e escutar, com saudável severidade, seus tristes esconderijos”.

Sobre a República:

“É evidente que a república permanece sobre um princípio falso e dele não se pode tirar consequência legítima: sustentar o contrário seria absurdo, espantoso e singularíssimo; porque, ainda que ela trouxesse o bem para o país, por si é má, porque vai de encontro à vontade de Deus, com manifesta ofensa de sua divina lei. Como podem conciliar-se a lei divina e as humanas, tirando o direito de quem tem para dar a quem não tem? Quem não sabe que o digno príncipe, o senhor dom Pedro 3º, tem poder legitimamente constituído por Deus para governar o Brasil?”

Sobre o casamento civil:

“A religião santifica tudo e não destrói coisa alguma, exceto o pecado. Daqui se vê que o casamento civil ocasiona a nulidade do casamento, conforme manda a santa madre Igreja de Roma, contra a disposição mais clara do seu ensino”.

... “o casamento é puramente da competência da santa Igreja, que só seus ministros têm poder para celebrá-lo; não pode portanto o poder temporal de forma alguma intervir neste casamento, cujo matrimônio na lei da graça Nosso Senhor Jesus Cristo o elevou à dignidade de sacramento... é prudente e justo que os pais de família não obedeçam à lei do casamento civil, evitando a gravíssima ofensa em matéria religiosa que toca diretamente a consciência e a alma”.

“Ele ali subia e pregava. Era assombroso, afirmam testemunhas existentes. Uma oratória bárbara e arrepiadora, feita de excertos truncados das Horas Marianas, desconexa, abstrusa agravada, às vezes, pela ousadia extrema das citações latinas; transcorrendo em frases sacudidas: misto inextricável e confuso de conselhos dogmáticos, preceitos vulgares da moral cristã e de profecias esdrúxulas... Era truanesco e era pavoroso. Imagine-se um bufão arrebatado numa visão do Apocalipse...” (Euclides da Cunha).

*Pessoas que ouviram o Conselheiro pregando depõem:*

“Quando por ali passamos achava-se na povoação um célebre Conselheiro, sujeito baixo, moreno acaboclado, de barbas e cabelos pretos e crescidos, vestido de camisolão azul, morando sozinho em uma desmobiada casa, onde se apinhavam as beatas e afluíam os presentes, com os quais se alimentava. Este sujeito é mais um fanático ignorante do que um anacoreta, e a sua ocupação consiste em pregar uma incompleta moral, ensinar rezas, fazer prédicas banais, rezar terços e ladainhas com o povo; servindo-se para isso das igrejas, onde, diante do viajante civilizado, se dá a um irrisório espetáculo, especialmente quando recita um latinório que nem os ouvidos entendem” (Durval Vieira de Aguiar – 1888).

“Pálido e magro – de magreza esquelética –, alto, com os cabelos compridíssimos, enfiado em uma túnica azul, a cuja cinta estava atado um cordão de frade franciscano, do qual pendia um crucifixo...

Na cabeleira via-se o pulular dos piolhos... Se a cabeça era assim, as mãos sujas, as unhas compridas e sórdidas; tudo completava a sua nojenta figura.

O que, porém, lhe dava o tom à fisionomia era o olhar. O olhar bolava naquela abstração vaga, naquela expressão e cisma indefinível, que caracterizamos místicos sonhadores, os alucinados. Fitava um ponto de espaço, olhando sem ver, absorvido em êxtases” (Genes Fontes – 1879).

“Seguiu a risca o mesmo ritual dos pregadores sacros. Persignou-se: e as suas primeiras palavras foram um latinório truncado, verdadeiras silabadas na língua de Horácio.

O tema do seu conselho versou sobre a família. Falou uma hora mais ou menos. Quando terminou, ajoelhou-se diante de um altar e rezou-se a ladainha.

Saí ao terminar; e saí convicto de que o Conselheiro era um fanático” (Caldas Brito –1892).



“A missão do Conselheiro foi essencialmente espiritual... Dir-se-ia que o Conselheiro não praticou o culto da personalidade, que não quis ser endeusado. São coincidentes os testemunhos de que nunca pretendeu exercer funções sacerdotais. Todos são categóricos: dava conselhos, construía capelas, cemitérios, e isso era tudo” (Mario Vargas Llosa).

### *A prisão do Conselheiro*

“Esse misterioso, que dizem viera do Ceará e tem percorrido nosso centro, acaba de ser preso pelo delegado de polícia de Itapicuru e é aqui esperado nestes dias, pois foi uma escolta para conduzi-lo” (Diário da Bahia – 27 de junho de 1876).

“No Pernambuco seguiu ontem para a Província do Ceará. a fim de ser ali presente ao senhor chefe de Polícia, o indivíduo Antonio Vicente Mendes Maciel, vulgo Antonio Conselheiro...

S. Exa. Revdma. o sr. vigário capitular, requisitou ao sr. Dr. Chefe de Polícia a prisão deste hipócrita, por haver as mais fundadas suspeitas de ser ele um dos célebres foragidos do terrível morticínio que se deu no Ceará em novembro de 1872...

Antonio Conselheiro recusou obstinadamente responder ao interrogatório que lhe foi feito na secretaria de Polícia, sendo por isso enviado para o Ceará afim de ser ali processado” (Jornal da Bahia – 7 de julho de 1876).

O magistrado de Quixeramobim, apurando que nada havia contra Antonio Vicente, colocou-o em liberdade e ele voltou para a Bahia, como havia anunciado a seus seguidores”.

### **Terceira fase – Canudos**

**(1893-1897)**

Em junho de 1893 o Conselheiro fixou-se em Canudos, povoado banhado pelo rio Vaza-Barris. O local passou a ser denominado Belo Monte. Cresceu em pouco tempo. Tomou-se a localidade de maior população da Bahia, depois da capital – cerca de 25.000 habitantes.

Canudos foi rebatizada pelo Conselheiro com o nome de Belo Monte.

Homens e mulheres remediados venderam seus pequenos bens, deixaram suas terras e foram viver e morrer no chão sagrado do Belo Monte.

Em 1895, a pedido do governador do estado, o arcebispo, D. Jerônimo Tomé enviou uma missão de frades capuchinhos para tentar dissolver por meios suasórios o arraial do Belo Monte. A missão foi entregue a frei João Evangelista de Monte Marciano e não teve sucesso. O relatório do frade é um documento importante para o conhecimento da vida dos canudenses.

A construção da igreja nova de Canudos provocou o início da guerra.

João Evangelista Pereira de Melo (coronel Janjão – 1841-1910), comerciante de Juazeiro, intermediou os entendimentos para a aquisição do madeirame destinado à igreja nova de Canudos.

Com a demora na entrega da madeira, espalhou-se a notícia que os jagunços iriam buscar o material, invadindo a cidade. Foi enviada uma tropa, pelo governador da Bahia, comandada pelo tenente Pires Ferreira, que resolveu não aguardar em Juazeiro e marchou contra Canudos. Deuse mal. Atacado, defendeu-se, porém leve de recuar. Começava a guerra sangrenta, que durou quase um ano. Mais três expedições foram enviadas contra Canudos e somente a última, após insucessos parciais, ganhou a peleja.

### *A vitória na guerra:*

“De que nos serviu ela? Ela não foi mais do que um pacto vergonhoso, realizado à sombra do auri-verde pavilhão e escudado pela efígie da República...”

“Em Canudos foram degolados quase todos os prisioneiros”.

“Após o entusiasmo dos primeiros momentos da vitória começou-se a demolição de todas as edificações existentes...”

“... tratou-se de pôr em prática o plano traçado pelo general-em-chefe: - Não deixar ficar em pé nem um só pau que indicasse ter havido ali uma choça sequer”.

“Em primeiro lugar foram colocados barris de pólvora sob os alicerces das igrejas novas e velhas, sendo elas imediatamente destruídas” (Alvim Martins Horcardes – Acadêmico de Medicina e diretor do Hospital de Variolosos de Canudos na 4ª expedição militar).

Um terço do exército brasileiro foi mobilizado para aniquilar Canudos.

Canudos não se rendeu: resistiu até a morte do último combatente.

### Primeira Expedição:

Comandante: Ten. Manuel da Silva Pires Ferreira

Força: Aproximadamente 120 homens

### Segunda Expedição:

Comandante: Major Febrônio de Brito

Força: Aproximadamente 625 homens, de diversas repartições dos estados de Alagoas, Sergipe e Bahia.

Terceira Expedição:

Comandante: Cel. Antonio Moreira César

Força: Aproximadamente 1.300 homens mais o remanescente da segunda expedição.

Quarta Expedição:

Comandante-em-chefe: Gen. Artur Oscar de Andrade Guimarães

Força: Mais de 10.000 militares